



ENTREVISTA COM

Ministro Mendes Ribeiro Filho

**MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

Sob seu ponto de vista, o Sr. poderia, em breves palavras, comentar a relação Brasil-China nestes últimos anos?

A relação entre os dois países, no campo agrícola, mudou muito nos últimos anos. O avanço do comércio é mais evidente: a China se tornou o país que mais importa produtos agrícolas do Brasil e, de janeiro a agosto deste ano, praticamente igualou o valor importado pela União Européia (27 países). Ocorreu também uma importante aproximação institucional entre os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil e o Ministério da Agricultura e a Administração Geral de Supervisão de Qualidade, Inspeção e Quarentena da China, o que tem permitido agilizar o tratamento de temas importantes para o comércio agrícola bilateral.

Quais são as iniciativas do MAPA com o objetivo de estreitar os laços comerciais entre os dois países?

No ano de 2010, o MAPA estabeleceu uma adidância agrícola junto à Embaixada do Brasil em Pequim. Esta medida constitui-se em providência de significativa importância para o estreitamento das relações entre os dois países na área agrícola. Representa, portanto, um salto qualitativo com vistas a uma

ação governamental brasileira mais eficiente na China.

No âmbito da promoção comercial, temos realizado diversas missões à China, apoiando o empresariado brasileiro em ações de benchmarking, prospecção de mercado, e participação nas principais feiras de alimentos e bebidas daquele país.

Nessas feiras, o MAPA promove e organiza o pavilhão nacional oficial do Brasil, sendo que na Feira SIAL China 2012, o Brasil foi o país homenageado e a expectativa de geração de negócios resultantes da participação brasileira apenas neste evento ultrapassa a cifra de US\$ 40 milhões.

A China é um mercado muito regulamentado para alguns produtos do agronegócio, como carnes e derivados. Como o Ministério tem trabalhado em conjunto com as empresas brasileiras para apoiar suas exportações para a China?

O Ministério trabalha em conjunto com as empresas brasileiras para apoiar suas exportações para a China por meio do Sub-Comitê de Agricultura, no âmbito do Comitê de Cooperação e Coordenação Sino-Brasileiro de Alto Nível, do Sub-Comitê de Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena no âmbito da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível (Cosban) e o Comitê Consultivo Agrícola (CCA). Esses fóruns governamentais permitem a revisão da agenda bilateral do agronegócio, tratando de áreas específicas, como acesso ao mercado Chinês, acordos de exportação, pesquisa agrícola, cooperação técnica, elaboração de protocolos para exportação de produtos.

Muito se fala sobre os investimentos chineses no Brasil na área do agronegócio. O que o Ministério tem observado sobre isso? Por acaso, as empresas chinesas costumam entrar em contato com o Ministério manifestando interesse em ingressar no Brasil?

Considerando-se que o mundo hospedará 9 bilhões de pessoas em 2050 e que o maior contingente da nova classe média mundial, cerca de 3 bilhões de pessoas, segundo dados do Banco Mundial, está na China, observamos um interesse crescente deste país em realizar parcerias com o Brasil no setor do agronegócio como forma de garantir sua segurança alimentar, assim como outros países do sudeste asiático. Nesse sentido, temos alguns exemplos de parcerias que estão se desenvolvendo entre China e Brasil como a carta de intenções assinada recentemente entre o governo do Mato Grosso e o Banco de Desenvolvimento da China para o financiamento de ferrovia que ligará o Mato Grosso à Santarém, além de joint-venture firmada entre a empresa de defensivos chinesa Chongqing Huapont

Pharm.Co.Ltd e o Consórcio Cooperativo Agropecuário Brasileiro (CCAB), consórcio que reúne mais de 16 cooperativas de produtores de grãos localizadas em diversos Estados brasileiros. Outro exemplo de aproximação entre os dois países, e aí, respondo à sua segunda pergunta, refere-se ao interesse manifestado pela empresa CHINATEX, uma das maiores esmagadoras chinesas de grãos, que procurou o Ministério em busca de parcerias com empresas brasileiras. O Ministério por meio da sua Secretaria de Relações Internacionais tem atendido a pedidos como esse e o que se percebe é, claramente, o aumento do interesse de empresas chinesas no agronegócio brasileiro, o que tende a gerar complementaridades estratégicas, pois somos grandes produtores e eles grandes consumidores.

Um ponto crítico apresentado pelas empresas chinesas que entram em contato com o Conselho é a questão da compra de terras por estrangeiros. Recentemente, a Advocacia-Geral da União (“AGU”) editou o Parecer n.º LA-01 a respeito de condições e limites para a aquisição de imóvel rural por estrangeiros e equiparados. Este foi aprovado em 23 de agosto de 2010 pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva e publicado na Imprensa Oficial, tornando-se vinculante para toda a Administração Pública Federal. Muito ainda se discute sobre esse tema. O Ministro poderia esclarecer para as empresas chinesas interessadas em investir no agronegócio brasileiro o que é possível ser feito? E o que seria interessante para futuras parcerias entre empresas dos dois países?

A questão da compra de terras no Brasil por empresas estrangeiras tem sido amplamente discutida nos últimos anos. Recentemente, foi aprovado na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados o substitutivo do deputado Homero Pereira ao Projeto de Lei 2289/07, do deputado Beto Faro, que regulamenta a compra de terras brasileiras por pessoas e empresas estrangeiras.

O debate, entretanto, não está encerrado e novas discussões devem abordar, particularmente, o tratamento dado a empresas brasileiras de capital estrangeiro. Alguns defendem que elas sejam consideradas empresas nacionais, outros, empresas estrangeiras.

É importante notar-se que os impedimentos em relação à possibilidade de aquisição de terras no país não são impeditivos para o estabelecimento de parcerias entre empresas chinesas e setores do agronegócio brasileiro. A agroindústria brasileira oferece diversas oportunidades de investimento aos capitais chineses, que são muito bem-vindos no Brasil.

As possibilidades criadas pela expansão do agronegócio brasileiro não estão apenas no campo. Um dos grandes desafios trazidos com o aumento da exportação de commodities é a logística do escoamento da produção. Os sistemas de transporte brasileiros são especialmente precários nas novas regiões produtoras, região Centro-Oeste e área do Matopiba (Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Bahia), que estão a grande distância dos portos marítimos. As longas distâncias e a alta tonelagem da carga favorecem a utilização de sistemas de transportes ferroviários e hidroviários. Há grandes oportunidades de investimento na criação e operação dessas redes de transportes nos novos pólos do agronegócio.

As economias brasileira e chinesa são complementares. A grande demanda por produtos da nossa agricultura por parte do nosso parceiro asiático é parte de uma integração econômica que está apenas em seus estágios iniciais. O Ministério da Agricultura participa da busca de sinergias para que a parceria se fortaleça cada vez mais.

A compra de terras deve ser regulada nos próximos meses e o Ministério da Agricultura trabalha para garantir uma legislação equilibrada, que defenda os interesses do país sem comprometer a capacidade do agronegócio brasileiro de atrair os investimentos que tanto necessita.

Por fim, é sabido que a China, nas próximas décadas, vai intensificar a sua demanda por alimentos e perder a autossuficiência de produção em diferentes setores (ex. soja, açúcares, carnes e derivados). E que o Brasil consiste em um grande provedor desses produtos para o mundo. Como o Sr. analisa esta relação no médio e longo prazo?

O Brasil tem se posicionado como grande exportador de produtos agrícolas e um fornecedor confiável para o mercado internacional. Essa é a nossa vocação. Nesse contexto, destaca-se a China, como já comentado, nosso maior importador de produtos agrícolas. A pauta com a China, porém, tem sido muito concentrada em soja. Neste ano, por exemplo, a soja em grãos respondeu praticamente por 80 % das exportações de produtos do agronegócio brasileiro para o país. Temos feito um esforço para ampliar a participação de outros produtos nesse comércio. Temos expectativa, também, de recebermos mais investimentos chineses no agronegócio brasileiro, o que pode nos ajudar a equacionar algumas limitações à expansão da produção no Brasil, em especial no provimento de infraestrutura nas regiões de expansão da produção.